

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



BENGUELA — PRIMEIRA CASA DE HABITAÇÃO.

## Areias do Cavaco

**Quadros da nossa vida** — O cozinheiro foi-se embora; e não sei se voltará. Somos uma família de 112 membros no activo. Alguns deles cumprem o serviço militar. Outros aguardam a chamada. E os outros distribuem-se pelas restantes idades. A cozinha é um posto chave em qualquer casa de família. É dos mais importantes. Dali partem as grandes arrelias e também a boa disposição. Ficar sem cozinheiro «oficial» de um momento para o outro não deixa de causar calafrios a quem tem a responsabilidade de pôr a mesa cinco vezes por dia. Quanto a mim confesso a minha ignorância na ciência da culinária e por isso fujo o mais que posso a meter «bico» naquele lugar. Mas reparo que a vida corre normal. O comer aparece a horas. Não metemos cozinheiro de fora. O João Fernandes que anda na 4.ª classe e o Carlos Alexandre que saiu da escola há um ano encheram-se de brio e são eles que dão a comida a horas para toda a gente. Até as bocas mais exigentes nem se queixam que a sopa de vez em quando sabe a «esturro» ou o «refugado» se queimou demais. Nesta «organização desorganizada» como Pai Américo chamou à sua Obra, ainda há uma enorme capacidade de substituição que causa inveja a muitas donas de casa.

x x x

Esta é do Raúl. Não é a primeira vez que o Raúl aparece nas colunas do jornal.

Aconteceu que, num destes dias, o Raúl fez mais uma das suas. Elas são tantas! Mas desta não se saiu bem. Andava o Sr. Fernando muito preocupado a orientar o enchimento da placa da nova casa de habitação. Nestes momentos não há disposição para aturar disparates. E eles são tantos! E hão-de ser enquanto formos vivos! Que faz o Raúl? Vai à oficina de carpintaria e com ar muito

ingénuo dá ordens a toda a gente de se apresentar junto do Sr. Fernando para levar massa de betão para a placa. Quando viu que tomaram a sério a sua «ordem» ainda tentou corrigir dizendo que era mentira. Mas já foi tarde pois toda a oficina se apresentou em peso junto do mestre d'obras. Resultado: grande confusão.

Continua na SEGUNDA página

**Instigado pela aflicção de alguém, que fez sua a situação de um rapaz, fui há dias a Lisboa, à Curraleira.**

O rapaz tem sete irmãos. Tem doze anos. Não tem pai. A mãe, com uma doença terrível, passou 18 meses no hospital. Não tem pernas. Nunca teve escola. Tem um ambiente de excrementos. O ar que respira é nauseabundo. O seu convívio é de chalaças e atitudes pornográficas. Tudo o que mais degrada o homem. Nada que o construa. É a Curraleira!... Um bairro por detrás do cemitério do Alto de S. João. Um bairro onde vivem 9.500 pessoas!... Barracas apinhadas umas nas outras!... Ruelas e corredores por onde passam as pessoas e os seus excrementos! Um bairro que é uma derrocada humana!...

Se eu não visse e não sentisse, não acreditava. É necessário analisarmos situações como a destes irmãos para apreciarmos bem os frutos de uma civilização e o zelo de uma igreja!



## SETUBAL

No meio de uma cidade enorme, sem que ninguém se aperceba, desembocamos, de repente, num autêntico cancro social em manifesta putrefacção.

Encontrei grupos de mulheres, em conversas desbocadas, com uma naturalidade impressionante! Um ajuntamento de homens construía uma barraca com tábuas de caixotes velhos, em cima de um monte de lixo. Peito ao sol!... Cabeças descobertas!... Cor de quem se encharca no álcool!...

Crianças, muitas crianças com o sexo descoberto, rosto pálido e olhar triste faziam-me gemer de susto ao encarar a sua infelicidade.

O Zé Manel estava recostado no chão. Cabeça desganhada.

Olhos remelados. Muito sujo. Comia um pedaço de pão sem nada e entretinha-se, ao mesmo tempo, a cortar uma cana com uma faca de cozinha. Porque se cortara num dedo, barrava o pão com o próprio sangue, e assim o ia digerindo.

Esteve no Sanatório da Parede seis anos; em Alcoitão também muito tempo. Segundo informação dos vizinhos, nunca ninguém deu um passo pela sua instrução e desenvolvimento intelectual. Os homens não dão conta dos graves pecados de omissão! Desculpam-se de que o rapaz é atrasado! Pude-ra!... Não havia de ser!...

Se tivesse tido alguém, o Zé Manel podia agora frequentar o 1.º ciclo e ter esperança nas

Aqui não. Fugir é cobardia. Fugir ao trabalho é ser parasita — pois serão os outros a ganhar o pão do fugitivo.

Que o nosso Camacho olhe os «batatinhas» e aprenda a lição. Mesmo hoje acabaram de encher com terra os galinheiros, trabalho que levaria dias aos operários.

Nem covarde, nem parasita, meu querido Camacho.

\* \* \*

Tenho quase dada a volta anual. Em Luanda, Igrejas e Miramar. Nos Cinemas: Cela, Gabela, Boa Entrada, Salazar, Carmona, Negage, Cacuso, Cambambe, Dondo e Calulo.

É sempre uma comunhão total com os nossos amigos. Do meu lado, os problemas das crianças em abandono e as nossas necessidades; do lado deles, sempre carinho e ajuda.

Tão belo o amor entre os irmãos!

Caminho certo — o debruçarmo-nos sobre os outros e dar ajuda aos que dela carecem.

Fazem multidão os que têm já uma pedra na nossa Aldeia. Pedras vivas!

Que dão beleza, fazem crescer e são depósito certo — a render — no Banco do Senhor.

Padre Telmo

Continua na QUARTA página



Elas são tantas! Todos regressaram ao seu posto mas o Raúl ficou sozinho, de pé na mão a encher baldes e a levar a massa. Os calos das mãos, ao fim do dia e a camisa molhada pelo suor foram o preço da sua mentira. Por certo que, enquanto se lembrar desta e de que não se deve brincar com coisas sérias, não voltará a repetir a proeza. Entretanto cá ficamos à espera de mais!

x x x

Acabo de receber um bilhete assinado pelo nosso mestre de alfaiataria. Todos conhecem o Américo. Mas vamos ao assunto do bilhete. Em abono da verdade devo dizer aos leitores que bilhetes como este chovem a cada instante na secretária do «Sr. Director». Mesmo nos

momentos mais solenes em que é preciso concentração, como este em que redijo estas notas.

Durante o campeonato nacional de futebol, o Américo organizou um concurso cujos dizeres estão afixados no lugar do costume para toda a gente ver. Não tenho nada a ver com o assunto, nem fui chamado para a organização do mesmo. Agora que é preciso arranjar

os prémios para os melhores classificados sou convidado a entrar na «festa». Não vou nisso. Tenho mais em que pensar. E despachei logo o mesmo papel que me trouxe o recado: «Fazendo jus às tuas altas qualidades de invenção, mesmo do impossível, tens carta branca para tudo resolver como até aqui». Vamos ver, se depois deste despacho tão solene, os

bilhetes acabam. Desconfio...

x x x

Momentos altos da nossa vida são aqueles em que nos abeiramos dos nossos doentes. Nesta altura a enfermaria nunca está vazia. É a mudança de tempo, dizem. E as gripes surgem. E as caixas de comprimidos esvaziam-se. Há os mais resistentes que não se deixam ir abaixo por qualquer dor de cabeça; mas há os mais fracos que, como último argumento, dizem não poder andar mais de pé. Ora, num destes dias, fui encontrar, de manhã, na enfermaria o «Navarro» nome de guerra do Jorge Gabriel. Que estava muito doente, disse-me. A prova mais à mão que temos é ver se tem temperatura. Peguei no termómetro e nada de anormal descobri. Por sinal, estava bem disposto. Ora, na véspera dei-me bastante tarde e fui descobrir o «Navarro» mais uns colegas já perto das duas da madrugada, com os ouvidos colados ao rádio a ouvir a transmissão da cerimónia de eleição da Miss Portugal 71. Quere-me parecer que a doença que levou o «Navarro» na manhã seguinte à enfermaria não foi a dor de cabeça, mas a falta de coragem de ir para a oficina de serralharia depois de uma noite daquelas. Enfim... Isto é a Casa do Gaiato.

x x x

OBRAS — Não estamos parados neste sector. Pelo con-

trário. Depois da 1.ª casa de habitação quase pronta, já pusemos a placa na 2.ª. Esperamos festejar o nosso Natal deste ano com a inauguração, à nossa maneira, de duas casas que receberão todos os rapazes ora a viver na nossa Casa. É uma ânsia que nos consome. O final custa mais. Penso nas 100 camas novas que hemos de arranjar, pois as que agora temos estão velhas, mal ajeitadas, sem grandes possibilidades de concerto. Afligem-me as promessas que fiz de receber mais rapazes logo que as duas casas novas estejam a funcionar. Os pedidos são tantos que receio não ter coragem de dizer não, na altura, a muitos deles. Entretanto, continuamos a receber provas de carinho e ajuda material dos muitos amigos que nos acompanham nesta luta do dia a dia.

x x x

**Venda de O GAIATO** — Consola-nos o carinho com que os pequenos vendedores são recebidos. Não há cansaço. Pelo contrário, aumenta. Vejamos esta carta trazida por um dos vendedores da Catumbela:

«Queridos batatinhas: Atendendo ao vosso apelo no «Famoso» último, aqui vos envio os rebuçados que não-de adoçar as vossas inocentes boquitas. Não são dos melhores, mas foram-me também ofertados para os meus filhos e por tal vos mando estes, que são os únicos que tenho. Se os tivesse melhores vos mandava com o mesmo amor e carinho que vos dispense. Adoro ler vossas notícias e é pena que sejam sempre tão poucas. O batatinha que me traz o jornal é muito meigo e educado e eu gosto imenso dele, porque através dele, vejo que sois todos muito bons.»

Eis tudo.

Padre Manuel António

## AS NOSSAS EDIÇÕES

# «ISTO É A CASA DO GAIATO»

### • AS OBRAS DE PAI AMÉRICO NA FEIRA DO LIVRO — DO PORTO

**E**STE ano — mercê de circunstâncias favoráveis — o grande público do Porto tem à sua disposição, na barraca da Livraria Figueirinhas — na FEIRA DO LIVRO, à Praça do Município — as edições que possuímos, da autoria de Pai Américo.

A preparação antecipada do «Famoso» (com a tiragem de 51.000, dado que em cerca de ano e meio contamos, na Família, mais 2.600 assinantes novos) não permite já dar conta dos resultados desta primeira acção — fora do restrito âmbito dos nossos amigos e leitores habituais. Todavia, ainda que seja pouco rentável, é presença humilde — e salutar — a manter com perseverança; como um dar de mãos a silenciosos interessados na vivência para um Mundo melhor.

Terminada a FEIRA DO LIVRO, no Porto, ambicionamos outra campanha de promoção: bater à porta dos livreiros da Invicta para que — ao menos nos seus escaparates — se disponham a dar às obras de Pai Américo o relevo que merecem. Porque, não há dúvida, o mercado livreiro — salvo raras excepções — tem sido, desde sempre, muito apático. E por nossa culpa...

### • RESPOSTAS AO POSTAL-CIRCULAR

**C**HEGAM a bom ritmo, da Metrópole e Ultramar. Não falando já dos amigos que se dispõem a completar a colecção bibliográfica da nossa Editorial. E são muitos! Está, pois, com muita saída o «Isto é a Casa do Gaiato».

O eco desta reedição abana um bom grupo de angolanos e moçambicanos. Cresce a presença ultramarina. E vêm pedidos a caminho! Recomendamos, no entanto, que poderão acertar contas por intermédio das nossas Casas de Benguela, Malanje e Lourenço Marques;

tendo o cuidado de nos dar uma apitadela — não vá acontecer algum lapso...

Que pena, o reduzido espaço do «Famoso» não permitir mais detalhes da saudável reacção ao postal-circular! Todavia, não poderíamos esconder a legenda de um Bispo missionário angolano — que pulsa com a nossa vida. Aqui está:

«É um livro que deixarei nas minhas viagens a estimular Caridade e Amor.»

E lá foram 15 volumes de «Isto é a Casa do Gaiato» aquecer outras tantas almas — com o bafo da Paz.

### • PRESENÇA DOS LEITORES

**A** carta seguinte é mais um depoimento com luz da Luz. Merecia não ser amputada, se o espaço permitisse. Deliciemo-nos com o introito:

«Recebi com agrado e com a brevidade necessária — no dia 28 de Abril — o vosso exemplar «Isto é a Casa do Gaiato» que seria a minha prenda de anos ao meu Zé Pedro, que completou o seu 3.º aniversário no dia 30.

Oito dias antes o meu filho Leonel Jorge completara 15 anos e a minha prenda — a prenda da Mãe — fora «A Porta Aberta». Doze anos separaram os meus filhos e a ambos a oferta foi a mesma, pois, nem para um nem para outro eu encontrei oferta mais rica, mais valiosa e melhor do que os livros do Pai Américo. Em ambos eu rascunhei, muito à minha maneira, uma dedicatória bem significativa, que a um, bem apreciada foi, graças a Deus e ao outro — que ainda só conhece o o, i, a, u, e, — (e já não é pouco, com 3 aninhos apenas...) ...nada diz ainda. Mas ela está e ambos os livros enriqueceram as prateleiras das estantes... com tantos Tin-Tins, tanta bonecada, tantos livros de aventuras e fantasias...

Tive a grande felicidade de Deus poder dar-me tudo para festejar estas duas datas tão felizes para mim, mas se elas excederam tudo o que eu previra, em fartura, em alegria, em colaboração, em grandes e verdadeiras vivências foi porque o Senhor me soube apreciar e compreender quanto amor, esforço e carinho eu pus em tudo que pude colaborar na grande e maravilhosa festa dos nossos Galatos, aqui em Setúbal, no dia 20...»

Saibamos merecer — agora e sempre — a religiosa amizade desta santa Mãe. É de Setúbal — e está tudo dito.

Júlio Mendes

Visado pela Comissão de Censura

## CAMPANHA DA COLCHA

**S**ENSIBILIZA a coerência dos amigos nesta singela campanha. Todos querem ver os nossos pequeninos felizes.

A vossa preocupação em marcar presença — cada um mediante os seus recursos — não deixa ensejo para dúvidas do carinho que nos dedicais.

Têm chegado testemunhos com carimbo de amor. É uma Mãe(?) da Amadora. Silêncio:

«Envio a importância de 230\$00 em vale de correio, para ser assim distribuída: 50\$00 para a assinatura do GAIATO; 180\$00 para a Campanha da Colcha.

Agora não se enganem, pois muito gostaria, eu e as minhas colegas, que a casa 4 r/c pudesse ir ficando bem colorida para alegria dos mais pequeninos e dos grandes que gostam de os ver felizes.

Um grande abraço para todos e votos de felicidade e... as campanhas que continuem.»

São desabafos que nos estimulam a continuar sem receio de sermos impertinentes...

A campanha continua. Lembro os mais atrasados que esta não prescinde da sua presença. Ainda só temos um terço da quantia necessária para o adorno do cantinho dos nossos pequeninos.

A todos o nosso obrigado!

M. António



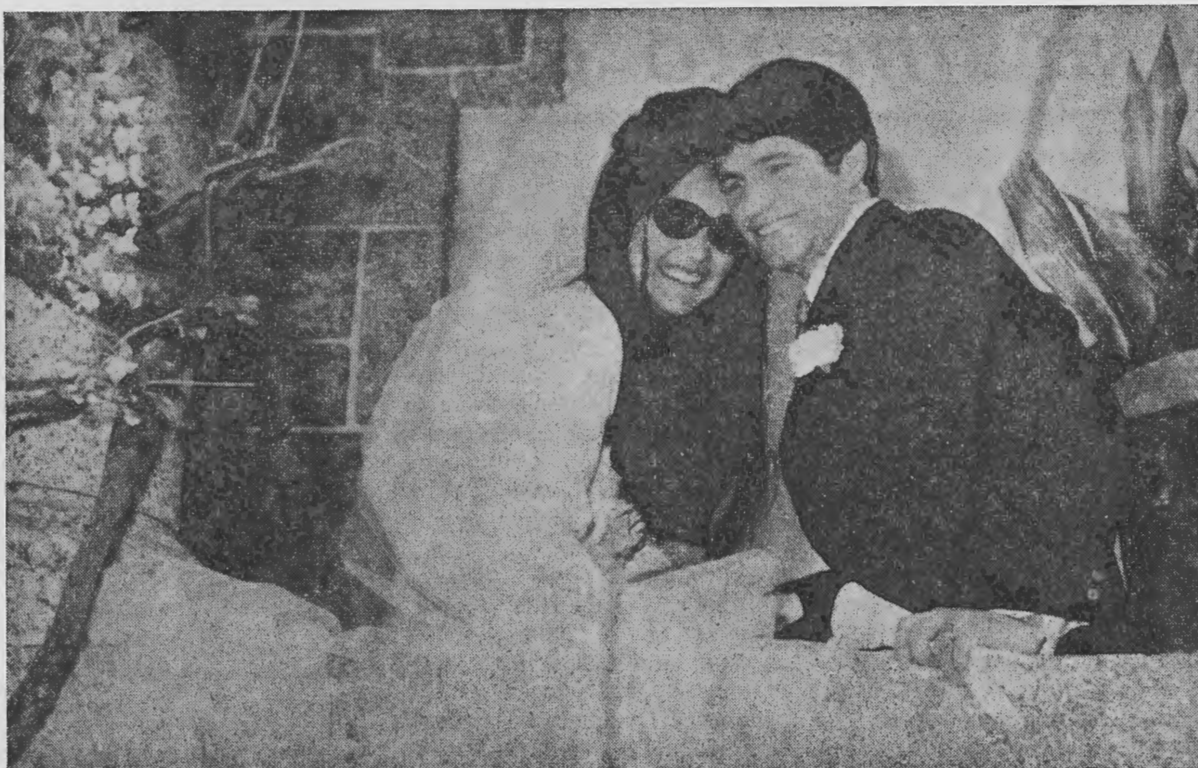


# Casamento

do

## Quim Oliveira

## e Fernanda



**C**OMO há dezassete anos, este dia 2 de Maio, Festa do grande Bispo Atanásio, aniversário do nosso Bispo António, ocorre em Domingo e este o do Bom Pastor.

Não verei Pai Américo a meu lado, assistindo-me na celebração que foi minha primeira missa. No fim, não nos abraçaremos ajoelhados aos pés do Senhor de todas as nossas graças. Porém, sua assistência jamais deixei de a sentir. Assim lhe tivesse correspondido sempre na realização fiel e humilde de um preságio que a alegoria do Bom Pastor insinuava... — na continuidade, afinal, da sua vida de Pai, que amou os seus filhos até ao fim!

O Senhor me perdoe e se compraza na vontade de ser melhor do que tenho sido: melhor filho, melhor pai, melhor irmão, mais universal e esquecido de mim-mesmo na abertura de coração a todos os homens, especialmente os mais caídos, os mais abandonados.

Que a coragem para «combater o bom combate», coroa tão admirável dos Bispos que evoquei, nunca me falte, na confiança da Fé, na alegria da Esperança, no optimismo da vitória definitiva da Vida sobre as mortes, também para nós como para Cristo, se vivermos por Ele, com Ele, n'Ele, conforme testemunha S. Paulo na II Epístola aos Coríntios, IV/5-14, que a Igreja buscou para celebrar S.to Atanásio.

E que esta graça acompanhe sempre todos os membros da nossa família, que quero recordar sem excepção, nomeadamente os que, neste dia, em outros anos, deram um passo decisivo na sua vida, como vós ides agora dar, Fernanda Maria e Quim.

**O**RA «neste dia que o Senhor fez» grande para nós, «para nossa alegria, para nossa exultação» — que nos diz Ele?... Ouvimo-lo há momentos no Evangelho: «As Minhas ovelhas escutam a Minha voz (...) e seguem-Me (...) e ninguém as há-de arrebatá-las da Minha mão. E ninguém as pode arrebatá-las da mão de Meu Pai, que é maior do que todos e Mas deus». É uma afirmação absoluta de Jesus; garantia de predestinação. Não há outra hipótese desde que as ovelhas que Ele quer Suas, O escutem e O sigam. A condição única é, pois, da parte do homem. Convidado ao Rebanho de que Jesus é o Pastor, quererá ele escutar e seguir a Palavra que o chama?

A grandeza, mesmo temporal, dos homens de Deus está neste: Escutaram... Logo: seguiram! E não vamos mais longe procurar um homem de Deus, nem alhures a explicação da sua «imortalidade»: Pai Américo, esse homem. Grande, porque, recebida a «martelada» (tinha 37 anos!) se despojou de quanto seria dali em diante peso-morto: a vida passada, com sua grande bagagem de valores; e seguiu o Mestre até ao fim sem perguntar por onde nem para onde!

É a ovelha que escolhe a pastagem?... É ela que decide o caminho?...

Deixar-se conduzir e guardar pelo Bom Pastor (Bom é aquele que dá a vida — Cristo deus! — pelas Suas ovelhas) — eis a afirmação maior que um homem pode produzir de si-mesmo. E produ-la, quando escolhe «escutar» e «seguir», restando-lhe sempre a liberdade de rejeitar o convite, a Palavra que o chama.

Aflorará aos lábios do homem de coração banal, a resposta fácil, medíocre: — Sim,

isso é com os homens de Deus...; não é connosco!

Acaso não é universal o chamamento à santidade?!

Acaso há para o homem na plena posse da sua consciência, o direito à mediocridade?!

Decerto os caminhos de realização humana a cotar de valor eterno, não são iguais nem se processam ao mesmo nível. Mas todos terminam na Casa do Pai, «onde há muitas mansões». E todos são traçados



Uma imagem significativa — noivos e impressores tipográficos. Pequeno rebanho do sector de formação profissional do Quim Oliveira.

pelo Filho, por Quem o Pai (que outrora falou aos homens muitas vezes e de muitos modos) fala nos «últimos tempos» — os nossos.

A quem havemos, pois, de seguir, senão «O único que tem palavras de vida eterna», Aquelle que, sendo o Senhor, se fez servo, para nos servir e connosco servir sempre os mais fracos do que nós, em ordem à instauração do Seu Reino, no qual os primeiros para sempre, serão os que no tempo se fizeram últimos?!

É uma sabedoria que, de facto, não condiz muito com a ciência deste mundo, a qual naturalmente ensoberbece e incha os homens de auto-suficiência. Ao sabor do mundo, os pastores guardam e guiam as ovelhas, sim, para que elas sirvam o seu interesse e, oportunamente, dêem lucro. São elas para eles.

O Bom Pastor é Ele para as ovelhas. Chama-as, guarda-as, condu-las, defende-as... e está pronto a dar a Sua vida «para que elas tenham Vida e a tenham abundantemente».

Com tais promessas, que temos, pois, a temer: — a nossa fraqueza?... Ela é na verdade o mais difícil obstáculo, o último reduto a render-se! Mas dir-vos-ei que nem ela nos impedirá de seguirmos o Bom Pastor e de irmos sendo bons com Ele. Basta que nunca sare e feche a ferida que a «martelada» de Deus causou em nossa alma. Por ela entrarão os outros em nós e saíremos nós para os outros. Por ela há-de revelar-se — e recriar-se — a energia criadora que Deus nos comunica. O protótipo dessa energia é o amor do Pai ao Filho e d'Este ao Pai, no Espírito Santo — amor que transbordou da infinita felicidade das três Pessoas Divinas para se comunicar à Criação, para circular pelas Criaturas e as divinizar. Mediante a ferida aberta pela «martelada» nos inserimos na circulação vital do amor divino aos homens e participamos do influxo do Seu amor para nos amarmos como Ele nos amou.

Desgraça não é, pois, a nossa fraqueza. Seria, sim, a ilusão de que ferida sarada é melhor do que chaga aberta, mesmo quando esta foi o Senhor Quem

a fez. Ele fê-la por amor de nós... E por amor dos outros, daqueles que há-de fazer cruzar connosco nos caminhos da vida, para os amar por meio de nós.

Instrumentos do amor de Deus aos homens — «Dilacerados», como Pai Américo dizia brincando - a - sério de si mesmo — a nossa glória está no aceitar a Sua escolha, o Seu convite. Ela (a glória) será proporcional à nossa capacidade de ir morrendo para prepararmos a multiplicação da Vida — como a semente que, se não morrer... (ficará estéril, sôzinha).

Este é o segredo da fecundidade de um homem, simultaneamente para o tempo e para a eternidade. A chave dela é Jesus, o Bom Pastor, atento e actuante no meio de nós. O abrir da chave — a nossa união íntima com Ele.

Pai Américo disse-o assim: «Sem Cristo nada é possível. Com Cristo nada é impossível. Neste sentido o obrário do Senhor não aceita dúvidas: vê a Obra feita antes de começada». Eis!

**M**AS quero ter ainda uma palavra mais específica para vós, queridos Quim e Fernanda Maria, embora ela valha e se dirija a todos os nossos, casados ou casadoiros.

Voltando o nosso olhar para a Epístola de S. Pedro, que fez a 2.ª leitura desta Missa, depois de um conselho em separado às esposas e aos maridos, conselho dado a um tendo em vista o outro, o Apóstolo dirige aos dois em comum uma exortação, resumo do que fará a sua harmonia, a sua felicidade. E se este voto se pode entender em primeiro plano, referenciado à sociedade matrimonial que se vai fundar, ele tem por pano de fundo a sociedade maior (diria até: as sociedades maiores) que envolverão o casal e a sua descendência.

Relembro a palavra que foi

Continua na QUARTA página





# Casamento do Quim Oliveira e Fernanda

Cont. da TERCEIRA página

lida: «Enfim, tende todos os mesmos sentimentos; vivei em fraternidade; sede misericordiosos e humildes; nunca pagueis o mal com o mal, nem injúria com injúria. Pelo contrário, abençoai, que para isto fostes chamados. Assim tereis parte na benção».

Repito: estas palavras resumem as condições de harmonia entre os dois, mas chamam-vos e preparam-vos para a harmonia numa esfera mais vasta em que haveis, em que deveis viver.

Se a intimidade com Cristo, para o homem que transita no mundo, é a condição que o habilita a um amor mais perfeito aos outros homens, com mais razão qualquer intimidade humana, não é um fim em si, mas dote para um melhor serviço da Humanidade. O fechar-se em si-mesma, longe de servir o crescimento do par, de favorecer a fecundidade conjugal, seria a estagnação, a médio ou longo prazo, do próprio amor que vos une e se deseja progressivo — o que implica, naturalmente, uma evolução constante a caminho do amadurecimento do casal, que não é justaposição da maturidade de cada um, mas fusão entre os dois.

Ora a fusão consome calor. Onde hão-de ir buscá-lo? Den-

tro de si mesmos? Sim, em boa parte. Mas cautela!, não se vá exaurir rapidamente as fontes de energia! Então, onde mais? Ao ambiente!! É o calor do sol que derrete o gelo, que a sua ausência causou. A felicidade do casal depende, pois, do meio envolvente. Razão de responsabilidade para os que compõem o meio. Razão também para estimar o meio, cada um dos que dele participam.

Mas a fusão pode entender-se ainda à maneira do açúcar derretido: ele é doçura escondida na água dada a beber. Experimente, pois, o casal a alegria de ser tempero, de dar sabor ao meio envolvente. E aprecie este o que representa para a sua própria paz, o bom entendimento, a perfeita conjugação de cada casal - seu elemento.

É nesta mente que me parece devermos estruturar muito melhor do que tem sido a edificação da Família maior a que pertencemos e a que nos devemos. Procuremos «ter os mesmos sentimentos» (unidade que não asfixia a natural diversidade entre os muitos que já somos!); cultivemos «a vida em fraternidade e tornemo-la possível pela «humildade e pela misericórdia»; «nunca pagando o mal com o mal, nem a injúria com injúria» (ainda que a fraqueza de alguém, infelizmente, abrisse uma disputa!); «pelo contrário, abençoando, porque tal é a nossa vocação». «E assim (e só assim!) teremos parte na benção de Deus!»

Amar a Obra da Rua, que Deus gerou no coração incondicionalmente apaixonado de Pai Américo, e por força deste amor, continuá-la e engrandecê-la, apesar da nossa pequenez e vulgaridade — não é obra de palavras. É obra, sim, da Palavra de Deus feita carne, que habita entre nós e alimenta e fecunda a nossa aspiração suprema de amor, de santidade.

Amar a Obra da Rua é, concretamente, amar o Ideal de Justiça, de Amor e de Paz, de

que ela é uma procura de realização e o seu jornal o grito de testemunho; e também, muito incarnadamente, amar aqueles para quem ela é: os nossos Rapazes, os nossos Doentes, a multidão dos que vêm até nós, pobres de pão ou de paz, na esperança de uma resposta de Vida. A seguir ao amor a Cristo e à profunda união com Ele, será o amor entre nós e pelos nossos, a fonte da nossa perseverança feliz no meio das contradições

de que a Providência de Deus nos não isentará.

Amar a Obra da Rua é expôr a vida, não, certamente, à fome de um lobo que nos devore de uma vez, mas ao desgaste contínuo que a solicitude das ovelhas que são nossas, vai produzindo em nós.

Por este desgaste («do homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra»), por esta disponibilidade, os nossos sabem distinguir os pas-

tores (bons pelo desejo, mais do que em acto, por causa da humana fraqueza!) — sabem bem distingui-los dos mercenários.

Amar a Obra da Rua é amar a Igreja-Mãe, da qual ela recebe toda a eficácia na proclamação do Evangelho e na fracção do pão — Igreja dos Santos e dos pecadores; mas Ela, Igreja Santa, sempre mais santa! Demos lugar, uma vez mais, a Pai Américo, cantor enamorado da beleza e da fecundidade da Igreja que desposou:

«A Igreja! A força irresistível da Mãe! Quem é que ensinou a ler? Quem deu pão? Quem curou feridas? Quem arroteou? Como gosto de mergulhar nestas verdades da História! Vinte séculos não a perderam! Outros tantos não a perderam! A Mãe! (...) É Ela que veste, que agasalha, que ampara, que dá os seios. Não é mais ninguém. Nem apostasias, nem deserções, nem fraquezas — nada. Nada lhe toca. Nada a diminui. Ela é a Mãe».

Eis o amor a que somos chamados. Eis alguns aspectos da nossa vocação.

\* \* \*

Hoje, celebra a Igreja a vocação cristã, nas suas múltiplas formas, que deveria gerar outras tantas respostas e gerará sua resposta em todo o homem que «escuta» e «segue».

Hoje é 2 de Maio, pórtico do mês de Maria. Insistiremos com o Senhor: Que nos dê ouvidos de ouvir e inteligência para entender.

E à Senhora Sua Mãe e nossa Mãe, que chamada a esta dignidade, foi tão total como breve na correspondência: flat... — «faça-se em mim a vontade de Deus» — a Ela entreguemos o nosso sim de hoje. Que Ela o guarde de toda a reserva e contradição. E, na discreção de uma vida como a Sua, nos ensine e nos ajude a renová-lo todos os dias, até àquele em que o Senhor virá dizer-nos para a Eternidade: Sim, «vinde, benditos de meu Pai...».

## REPORTAGEM

Em Paço de Sousa, têm surgido alguns dias felizes para a comunidade inteira. São mesmo necessários para compensarem outros menos felizes.

Tivemos mais um casamento na nossa Aldeia.

No dia 2 de Maio, cerca das 12 h., o nosso Quim Oliveira contraía matrimónio com a Fernanda Maria, na nossa Capela, cenário de tantos dias felizes para muitos dos nossos.

Foi várias vezes adiado este dia, mas nem por isso os noivos deixaram de fazer transparecer a sua alegria. Como foi retardado, foi mais desejado.

A alegria da malta — família do Oliveira — foi a melhor prenda que podíamos dar aos noivos. Nós gostamos destes dias festivos, porque nos transmitem melhor o sentido de responsabilidade para prepararmos o futuro numa perspectiva de tranquilidade e sem temores de qualquer espécie.

No fim da Missa, mudou o cenário. O sol raiava neste dia belo. Seguiram-se as fotografias da praxe, assim como também as pancadas no estômago, cansado de esperar. Todos olhávamos o refeitório com ânsia devoradora.

O nosso amigo fotógrafo (foi mesmo nosso amigo!), não está com meias medidas e, dá por findo o seu trabalho.

Entrámos então no refeitório, onde as mesas estavam já preparadas, esperando a sua limpeza!

Decorreu na maior alegria o almoço. Para esse efeito, temos cá um côro, que nestes dias marca bem a sua presença!...

O fotógrafo escapuliu-se, ninguém sabia dele, quando do partir do bolo da noiva.

Findo o almoço, os convidados foram passar o resto da tarde junto da casa dos recém-casados. Cantaram, dançaram, recordaram tempos passados, até que chegou a noite tendo todos recolhido às suas moradias.

Mais um da nossa Família que continua nela como obreiro. Esperamos que saiba servir melhor do que foi servido, que seja um elemento cada vez mais nosso.

Para os jovens esposos, as maiores felicidades e venturas, são os votos sinceros da comunidade de Paço de Sousa.

Jorge Manuel



Cont. da PRIMEIRA página

cursos de adultos, servem num posto médico e repartem-se pelas famílias e pelas pessoas mais carecidas. Vivem uma vida pobre, semelhante à daqueles Pobres, excepto no pecado, numa casa abarracada sem conforto nem adornos. São uma presença do amor incarnado de Deus pelos seus Pobres! São uma presença de Cristo!

Uma pequenina sala da sua casa tem um sacrário vivo sobre um pedestal de tijolo. Está ali verdadeiramente Cristo Ressuscitado a proclamar a Boa Nova aos Pobres!... Aquelas seis religiosas ensinam catequese a toda a cidade de Lisboa.

Padre Acílio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Há tempos apareceu aí um jogo de «badminton» (não sei como se escreve), que fez, durante semanas, deliciosos intervalos dos cicerones em expectativa de visitantes. E eu muito contente! É que costumava ser a bola, o entretém. E a bola pincha. E em volta da casa-mãe (sede da actividade dos ditos cicerones) há muitas janelas. E as janelas têm vidros. E o resto já se adivinha... Pois o «badminton», com suas raquetes a impelir o projectil, pequeno, alado — era uma delicadeza desconhecida por que nós esperávamos há muito. Era, sim, mas acabou-se...

Um domingo à noite, terminada a função dos cicerones, vim encontrar no escritório uma raquete esfacelada... e o recado:

«Fui eu que fiz isso à raquete; espero que me desculpe mas foi uma brincadeira.

## Vistas de dentro

O culpado e o causador arrependido do que fez fui eu: Fafca.»

Era então o «Fafca» chefe de cicerones — do que houve de ser destituído por razões bem menos risonhas do que esta.

Mas o «badminton» também desapareceu — que pena! Não há por aí ninguém que tenha uma raquete descasada e bolas, sobretudo muitas bolas, daquelas próprias, pequenas, aladas, tão espirituais?...

x x x

Entrámos no tempo das excursões escolares. Já é raro o

dia em que aí não aparece uma — e a coisa vai intensificar-se em Maio e primeiros dias de Junho.

São excursões de semana, rotuladas de estudo, que nos vêem muito mais ao vivo, sem dúvida, do que as dominicais. Ora, se às vezes, os componentes são crianças de Catequese ou de Escola Primária, muitas outras são de estudantes de Escolas Secundárias e abundam as femininas.

A Tipografia, como oficina mais evoluída, é ponto central de atracção. E o que acontece?... O linotipista de serviço,

rodeado pelas jovens visitantes muito perguntadoras, corresponde-lhes fundindo uma linha com seus nomes e moradas.

A linha é oferecida — o que aí vai de metal! Mas como se experimenta imprimi-la, à maneira de carimbo, fica uma prova na mão do artista compositor. E então, se a simpatia e a disposição o puxar para a correspondência — o que aí vai de selos!

Estou a ver que temos de legislar uma taxazinha de ingresso na Tipografia para esta categoria de visitantes!...